

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

DEUSDEDIT PAIVA VIEIRA

A Busca da Cultura da Paz

**JUIZ DE FORA
2019**

DEUSDEDIT PAIVA VIEIRA

A Busca da Cultura da Paz

Resenha crítica apresentada à disciplina de Práticas de Gêneros Acadêmicos do Curso de Bacharelado em Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, para complementação da avaliação do semestre.

Profa. Dra. Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto

JUIZ DE FORA

2019

A Busca da Cultura da Paz

Boff, Leonardo. *Cultura da Paz*. Disponível em: <http://www.leonardoboff.eco.br/site/vista/2001-2002/culturapaz.htm>. Acesso em: 15 de abril de 2019. Originalmente publicado no Jornal do Brasil em 8 de fevereiro de 2002, p. 9.

Ao observar a "cultura dominante de hoje", Leonardo argumenta que; além da tendência natural do ser humano de buscar a dominação pela violência e agressividade, soma-se a exposição massificada destes pelos meios de comunicação. Desta forma, o guerreiro, o dominante e o poderoso sempre estarão mais valorizados do que os que se dedicam às artes, ciências e atividades mais salutares. Cita a célebre questão de Einstein à Freud; se seria possível ao homem controlar seu impulso destrutivo. Segundo Boff, Freud responde que jamais o homem poderia controlar totalmente sua inclinação à destruição.

Segue lembrando na natureza uma certa tendência à destruição e, por isso, esta seria também uma espécie de vocação instintiva. Contudo finaliza o segundo parágrafo com a fé de que, se temos inteligência, esta teria sido dada pelo objetivo de se desviar do que parece natural. Alonga-se argumentando que a competição, característica do humano, geraria ainda mais guerras e conflitos. Associa o paternalismo e a repressão à mulher como uma consequência desta destrutividade.

Então exalta a necessidade imperiosa de uma cultura de paz, que seria a única salvação à espécie. Argumenta que, ao contrário de todos os animais, somos mais sociais e cooperativos e por isto poderíamos delinear outro destino. Elenca uma série de personalidades, que a despeito da agressividade original, tiveram suas existências ligadas à compaixão e boa vontade para com os outros.

Sem dúvida um texto interessante e bem escrito, com uma proposta cheia de boa vontade, entretanto cabem alguns reparos. O primeiro se refere ao fato de localizar na atualidade (ou parecer localizar), a tendência agressiva original do humano. Acrescenta uma crítica implícita à mídia em geral, como se a tendência natural não pré existisse à mesma. E aí temos, ao que me parece, uma inversão; visto que se tomarmos o conceito de pulsão de morte de Freud (1920) veremos que o mesmo nasce com o homem, o que independe de qualquer influência externa. Assim, a mídia estaria apenas entregando algo pelo qual o próprio espírito humano

já anseia em intimidade. Ainda sob esta observação, é fato que um dos mecanismos de defesa psíquica é projetar no meio aquilo que se tem em si mas não é socialmente aceito. Logo um filme violento poderia até servir como meio de extravazar a agressividade que se tem, tornando o ser menos propenso à violência. Dessa forma, a mídia não é um adversário, e sim um aliado na busca da desejada "cultura de paz".

O segundo ponto a se questionar seria a interpretação que Boff dá ao discurso de Freud, aparentemente contrário à possibilidade de "uma cultura de paz". Na verdade, na resposta à Einstein (FREUD, 1932), no incrível "Mal estar da Civilização", Freud explica que as pulsões, seja a de vida ou de morte, são controladas no processo civilizatório; ou seja, segundo Freud, só nos socializamos porque nos educamos e assim limitamos nossos instintos. O interessante é que Freud atribui a isto um "mal estar" latente. Por isto, ao contrário do que o texto parece sugerir, também Freud acredita na efetividade de uma "cultura da paz".

Finalmente, mas não menos importante, cabe questionar a ideia de que é exclusivo do homem a sociabilidade e afeto ao próximo. Mesmo em mamíferos menos desenvolvidos vemos fenômenos de sentimento materno, adoção até inter-espécies e outros fenômenos a evidenciar certa "solidariedade animal". Em particular, o estudo de Lopes (2013) revela que bonobos são ainda mais afetuosos do que outros primatas e quiçá dos homens.

De toda forma o texto é muito pertinente naquilo que de fato é nosso melhor; o apeço aos semelhantes que é capaz de potencializar nossa existência no mundo.

Bibliografia

FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer. In: *Obras Psicológicas Completas*: Edição Standart Brasileira. Rio de Janeiro. Imago. 1996. p. 73-75.

FREUD, Sigmund. *O Mal estar da Cultura*. L&PM Editores. Brasil. 2018.208 p.

LOPES, Anchyses Jobim. O primata perverso polimorfo. *Estudos de Psicanálise*. Belo Horizonte-MG, n. 40, p. 21–30, Dezembro/2013